

I

“Então, claro”, escreveu Betty Flanders, enterrando ainda mais fundo os calcanhares na areia, “a única coisa a fazer era ir-se embora.”

Irrrompendo lentamente da ponta do aparo de ouro, a tinta azul-clara esborratou o ponto final; fora aí que a caneta de Mrs. Flanders se detivera; os seus olhos fixaram-se e começaram lentamente a encher-se de lágrimas. A baía inteira estremeceu; o farol oscilou; e pareceu-lhe que o mastro do pequeno veleiro de Mr. Connor se dobrava como uma vela de cera ao sol. Mrs. Flanders piscou os olhos. Os acidentes eram coisas terríveis. Piscou os olhos outra vez. O mastro estava direito; as ondas estavam calmas; o farol estava direito; mas o borrão tinha-se espalhado.

“... a única coisa a fazer era ir-se embora”, leu.

“Bem, se o Jacob não quer brincar” (a sombra de Archer, o filho mais velho, projectou-se sobre o bloco de papel e parecia azulada, na areia, e Mrs. Flanders teve frio — era já o terceiro dia de Setembro), “se o Jacob não quer brincar” — que borrão horrível! Já deve estar a ficar tarde.

“Onde é que *se meteu* esse miúdo irrequieto?”, disse. “Não o vejo. Vá lá depressa ver se o encontra. Diga-lhe para vir já.” “... mas afortunadamente”, rabiscou, ignorando o ponto final, “tudo parece correr razoavelmente, apesar de estarmos como sardinha em lata, ainda para mais com o carrinho de bebé, que a senhoria naturalmente não permite...”

Assim eram as cartas de Betty Flanders para o Capitão Barfoot — com muitas páginas e manchadas de lágrimas. Scarborough fica a setecentas milhas da Cornualha: o Capitão Barfoot está em Scarborough; Seabrook está morto. As lágrimas faziam das dálias do jardim ondulações vermelhas e a estufa reluzir na direcção dos seus olhos, e faziam a cozinha brilhar, com as suas facas refulgentes, e, na igreja, quando tocavam o hino e Betty se debruçava sobre a cabeça dos filhos, faziam Mrs. Jarvis, a mulher do vigário, pensar que o casamento é uma fortaleza e que as viúvas, essas pobres criaturas desprotegidas, vagueiam solitárias em campo aberto, colhendo pedras e encontrando uma ou outra espiga dourada. Mrs. Flanders tinha enviuvado havia dois anos.

“Ja-cob! Ja-cob!”, gritou Archer.

“Scarborough”, escreveu Mrs. Flanders no envelope e sublinhou a palavra com um risco grosso; era a sua terra natal; o centro do universo. E o selo? Vasculhou a bolsa; depois virou-a às avessas; depois remexeu no colo com tanto vigor que Charles Steele, de chapéu-panamá, suspendeu o pincel.

Como antenas de um insecto irrequieto, o pincel tremeu. Ali estava aquela mulher a mexer-se — na verdade, a preparar-se para se levantar —, que raio! Deu uma pincelada brusca de violeta-escuro na tela. A paisagem estava a precisar. Estava demasiado pálida — cinzentos a fundir-se em lavandas, e uma estrela ou uma gaivota branca suspensa — demasiado pálida como de costume. Os críticos diriam isso mesmo, pois Steele era um desconhecido a expor na obscuridade, adorado pelos filhos das suas senhorias, que usava uma cruz na corrente do relógio e muito se aprazia quando as mesmas senhorias gostavam dos seus quadros — o que frequentemente acontecia.

“Ja-cob! Ja-cob!”, gritou Archer.

Exasperado pelo barulho, apesar de gostar de crianças, Steele remexeu nervosamente pequenas espirais de preto na paleta.

“Eu vi o teu irmão — eu vi o teu irmão”, disse, acenando com a cabeça quando Archer passou vagarosamente à sua frente, arrastando uma pá e olhando com desconfiança para o velho cavaleiro de óculos.

“Ali ao fundo — junto ao rochedo”, murmurou Steele, com o pincel entre os dentes, enquanto espremia o tubo do amarelo torrado, mantendo os olhos fixos nas costas de Betty Flanders.

“Ja-cob! Ja-cob!”, gritou Archer, voltando a afastar-se arrastadamente passados uns segundos.

Na voz de Archer havia uma extraordinária tristeza. Livre de corpo, livre de paixão, saía para o mundo, solitária, sem resposta, despedaçando-se contra os rochedos — era como soava.

Steele franziu o sobrolho; mas ficou satisfeito com o efeito do preto — era exactamente *aquele* toque que harmonizava o todo. “Ah, uma pessoa pode aprender a pintar aos cinquenta! Veja-se o Ticiano...”, e então, tendo encontrado o matiz certo, olhou para cima e, com horror, viu uma nuvem sobre a baía.

Mrs. Flanders levantou-se, bateu no casaco para tirar a areia e pegou no guarda-sol preto.

O rochedo era de um castanho tremendamente escuro, talvez até preto, daqueles que emergem da areia como coisa primitiva. Crivado de conchas rugosas de lapas e com cachos esparsos de algas secas, um rapaz pequeno tinha de afastar muito as pernas e de se sentir realmente bastante heróico para chegar ao topo.

Mas era mesmo lá no topo que havia uma poça de água com um fundo arenoso; com uma bolha gelatinosa presa num dos lados e alguns mexilhões. Um peixe passa disparado. A orla de algas castanhas amareladas agita-se, e dela sai um caranguejo com casca opalina —

“Oh, um caranguejo gigante”, murmurou Jacob —
e, firmando-se nas frágeis patas, começa a viagem pelo fundo arenoso. Agora! Jacob mergulhou a mão na água. O caranguejo era frio e bastante leve. Mas a água estava turva de areia, e, atabalhoadamente, Jacob preparava-se para saltar, segurando o balde à sua frente, quando viu, muito hirtos, lado a lado, com os rostos intensamente vermelhos, um homem e uma mulher enormes.

Um homem e uma mulher enormes (era tarde de fecho do comércio¹) estavam estendidos, imóveis, com as cabeças pousadas em lenços de bolso, lado a lado, a pouca distância do mar, enquanto duas ou três gaivotas sobrevoavam graciosamente a rebenção das ondas e foram poisar perto das botas do casal.

Os grandes rostos escarlates pousados sobre os lenços estampados olharam para cima e fitaram Jacob. Jacob olhou para baixo e fitou-os. Segurando o balde com muito cuidado, decidiu-se a saltar e afastou-se aos pulos, primeiro despreocupadamente, mas cada vez mais depressa, à medida que a espuma das ondas se aproximava e o forçava a desviar-se para a evitar, e as gaivotas levantavam voo à sua frente e ficavam a pairar e poisavam um pouco mais longe. Uma avantajada mulher negra estava sentada na areia. Ele correu na sua direcção.

“Babá! Babá!”, gritou, aspirando as palavras na crista de cada respiração ofegante.

As ondas circundaram-na. Ela era um rochedo. Estava coberta com o tipo de algas que estala quando são apertadas. Ele sentia-se perdido.

Estacou. O seu rosto recompôs-se. Estava prestes a soltar um berro quando, no meio da palha e de uns paus enegrecidos acumulados na base do penhasco, viu uma caveira completa — talvez a caveira de uma vaca, uma caveira, talvez ainda com os dentes. A soluçar, mas distraído, afastou-se a correr cada vez para mais longe até ter a caveira nos braços.

“Ali está ele!”, exclamou Mrs. Flanders, contornando o rochedo e percorrendo todo o areal em poucos segundos. “O que é que

ele foi desencantar? Ponha isso no chão, Jacob! Largue isso imediatamente! Tinha de ser uma coisa nojenta, claro. Porque é que não ficou ao pé de nós? Seu malandro! Vá, deite isso fora. Vá, venham lá os dois”, e deu meia-volta, dando uma mão a Archer e procurando desajeitadamente agarrar o braço de Jacob com a outra. Mas este baixou-se e apanhou o maxilar do carneiro, que se tinha soltado.

Enquanto levava a bolsa a balançar, agarrava o guarda-sol, segurava a mão de Archer e contava a história da explosão de pólvora em que o pobre Mr. Curnow tinha perdido um olho, Mrs. Flanders apressou-se a subir o caminho íngreme, sempre consciente de um certo desconforto enterrado nas profundezas da sua mente.

Na areia, não muito longe do local onde os amantes estiveram deitados, jazia a velha caveira de carneiro, sem o maxilar. Limpa, branca, varrida pelo vento, batida pela areia, não havia pedaço de osso mais impoluto em toda a costa da Cornualha. O cardo-marítimo cresceria por entre as órbitas dos olhos; iria transformar-se em pó ou, um belo dia, algum golfista, com uma tacada na bola, iria dispersar um montículo de poeira. — Não, em quartos alugados não, pensou Mrs. Flanders. É muito arriscado vir para tão longe com crianças pequenas. Sem um homem para ajudar com o carrinho. E o Jacob é cá uma peça; já tão teimoso.

“Deite isso fora, querido, vá lá”, disse ao chegarem à estrada; mas Jacob esquivou-se; e, com o vento a intensificar-se, ela retirou o alfinete do chapéu, fitou o mar e voltou a espetá-lo melhor. O vento começava a levantar-se. As ondas tinham aquele desassossego de coisa viva, inquieta, à espera da chicotada, que têm as ondas antes de uma tempestade. Os barcos de pesca inclinavam-se, rasando a água. Uma pálida luz amarela atravessou o mar púrpura; e apagou-se. O farol estava aceso. “Vamos”, disse Betty Flanders. O sol brilhou-lhes nos rostos e dourou as enormes amoras que se agitavam nos arbustos e que Archer tentava arrancar ao passarem.

“Não se deixem ficar para trás, meninos. Não têm nenhuma muda de roupa”, disse Betty, arrastando-os consigo, enquanto olhava com inquietação para a terra que se apresentava tão assustadora, com brucas centelhas de luz vindas de estufas nos jar-